

# Duas ou três ideias sobre um teatro necessário

## As Comédias do Minho

Alexandra Moreira da Silva

### 1. A movida artística

Num pequeno texto de introdução ao programa de 2011 das Comédias do Minho, o leitor / espetador contemporâneo, incauto porque conformado com a já habitual necessidade de circunscrever o seu interesse ao que se vai fazendo aqui e agora, adiando a sua natural curiosidade relativamente a configurações programáticas mais amplas – entenda-se para uma temporada – sendo obrigado a resignar-se, não raras vezes, perante a incerteza ou, pior ainda, o abandono de projetos e ambições nas mais variadas áreas e domínios artísticos, espanta-se com a ousadia, o otimismo, a confiança e a persistência que podemos ler nas palavras inaugurais do referido texto: "As Comédias do Minho, durante os próximos dois anos, vão mergulhar ainda mais no seu Território à procura de novos desafios – temas e paisagens do Vale do Minho vão ser ponto forte de arriscados e profundos trabalhos de criação". O mais extraordinário é que prometeram e cumpriram. Pelo menos no primeiro ano, em 2011, e, de acordo com o novo caderno de programação, prepararam-se já para assegurar o segundo ano com o mesmo dinamismo e a mesma criatividade.

A "movida artística"<sup>1</sup>, que as Comédias instalaram no Alto Minho, passa muito pela Companhia de Teatro da qual fazem parte, para além do seu diretor artístico João Pedro Vaz, os actores e criadores Gonçalo Fonseca, Luís Filipe Silva, Mónica Tavares, Rui Mendonça e Tânia Almeida, que decidiram mudar-se com diferentes armas artísticas e reconhecida bagagem teatral para o Alto Minho, dispostos a arregaçarem as mangas e a dedicarem-se, talvez mais do que nunca, a essa "arte poderosamente arcaica", como lhe chama Jean-Christophe Bailly (2006: 67), que é o teatro. Mas não só dos residentes vive a dinâmica deste projeto. A "movida" implica, desde logo, uma rede de vasos comunicantes que tem levado até aos cinco concelhos do Vale do Minho (Melgaço, Monção, Paredes de Coura,

Valença e Vila Nova de Cerveira) criadores tão diversos quanto Pedro Penim, Madalena Vitorino, Sílvia Real, Igor Gandra, Marcos Barbosa ou mais recentemente Nuno Cardoso e Joana Providência. Escusado será dizer que não se trata de fazer um teatro regionalista, nem sequer um teatro etnográfico. Os projetos partem de materiais e ferramentas que funcionam "em Melgaço ou em Reiquejavique"<sup>2</sup>, como afirma Pedro Penim: de Steven Berkoff, aos vídeos do YouTube, passando pela Bíblia ou pelo *Fidalgo aprendiz*, tudo pode ser trabalhado, repensado e visto no Alto Minho, com o mesmo rigor e a mesma seriedade com que estes trabalhos foram apresentados no Balletteatro, no Porto, ou no TNDMII, em Lisboa.

Em 2011, permito-me destacar o projeto *Casa grande*, co-produzido pela Fundação Lapa do Lobo, que resultou na criação de cinco espetáculos a partir de cinco espaços físicos diferentes. Casas de família, solares desabitados, vazios ou devolutos, foram ocupados, transformados, revisitados por Tânia Almeida, que assinou a encenação deste projeto, por atores (profissionais e amadores), por Rui Mendonça, Lucília Raimundo, Ana Limpinho, Maria João Castelo e Vasco Ferreira que integraram a equipa artística de *Casa grande*, e sobretudo por um público atento, ávido e de uma rara heterogeneidade, todos convictos e conscientes de que os espaços também têm memória. E com a memória vem o tempo, e com o tempo vêm as histórias (da aristocracia monárquica na passagem para a República, por exemplo, ou dos militantes anti-fascistas na clandestinidade no período pré-revolucionário). Em 1983, numa conferência proferida em Roma, Antoine Vitez fazia a seguinte afirmação sobre a prática teatral:

É um trabalho de ordem monástica, mesmo se a nossa vida não é monástica. Somos pessoas que nos fechamos em sítios fechados [...] e nesses lugares conservamos frases que já foram pronunciadas e concebidas, e dedicamo-nos a

<sup>1</sup> A expressão "movida artística" surge no final do texto de introdução ao programa de 2011 das Comédias do Minho: "Um programa intenso, utópico, enérgico! Contra a austeridade, uma verdadeira movida artística, um centro cultural itinerante, um centro cultural na paisagem!"

<sup>2</sup> Pedro Penim citado por Inês Nadais in "Reiquejavique no Alto Minho", *Público*, 06.01.2009.

Alexandra Moreira da Silva é Professora da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e investigadora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da mesma universidade. É tradutora e dramaturgista, e foi distinguida em 2011 pelo governo francês com título de *Chevalier dans l'Ordre des Palmes Académiques*.

>  
*O esmagador de uvas,*  
 enc. John Mowat,  
 Comédias do Minho,  
 2012 (Luís Filipe Silva),  
 fot. Celeste Domingues.



>  
*Pé de vento,*  
 criação: Margarida Mestre  
 e Mónica Tavares,  
 Comédias do Minho, 2010  
 (Mónica Tavares),  
 fot. Susana Neves.



reconstituir movimentos através da imaginação e a partir do rasto de ações que foram escritas. Fazemos isto para trabalhar, para criticar a memória da humanidade. É este o nosso ofício, trabalhar sobre esta memória. (2006: 108, trad. minha)

Entre o íntimo e o político, *Casa grande* parece subscrever as palavras de Antoine Vitez, apresentando-se, antes de mais, como um projeto que interroga a identidade, que percorre insistentemente um espaço, um tempo, uma memória, e que deste modo questiona e reescreve a ficção.

## 2. “Aproximate” é aproximarmo-nos: itinerâncias polifónicas

Entre a criação contemporânea e o trabalho no terreno, as Comédias não têm tempo a perder. O projeto “Aproximate” envolve várias escolas dos cinco concelhos do Vale do Minho do ensino pré-escolar, básico e secundário, bem como professores, famílias e utentes APPACDM (Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental). Contrariamente ao que se possa imaginar, esta vertente pedagógica das Comédias não constitui uma atividade marginal, bem pelo contrário,



trata-se de um labor nuclear que escolhe e utiliza uma grande diversidade de ferramentas e de estratégias: oficinas de dança, de cinema de animação, de movimento, de formação artística, cursos de teatro, encontros com criadores... são apenas algumas das propostas que visam a promoção e o desenvolvimento de um conceito de "público" que conscientemente contraria a muito contemporânea noção de "audiência". Isabel Alves Costa, mentora incontornável deste projeto, falava da necessidade de se estabelecer "uma relação íntima com a população": "Aqui vemos ao vivo o que é a formação dos públicos", afirma. "A atitude das pessoas é: mas o que é que eles irão fazer a seguir? Não estão de todo à espera do mesmo"<sup>3</sup>, conclui. Mas estão à espera de alguma coisa. Esperam verdadeiramente, e isso será talvez o que de mais político existe no teatro. Como afirma Denis Guénoun "o caráter político do teatro não está no palco – ou [...] em todo o caso, não é no palco que ele se encontra em primeiro lugar – mas sim na sala" (2009: 46). Ou seja, nessa capacidade de conseguir reunir, a uma certa hora, num determinado lugar, uma comunidade a que talvez possamos chamar "teatral". Em 2011, 13.500 espetadores assistiram aos espetáculos das Comédias do Minho – número invejável nos tempos que correm.

Contudo, mais importante do que os números – e este é certamente um dos grandes méritos das Comédias – será esta vontade, esta capacidade de criar aquilo a que Jean-Christophe Bailly chama "uma comunidade de espera", conceito a distinguir de uma pura aproximação quantitativa porque, como refere o autor, "não é adicionando o número de leitores de livros, o número de visitantes de exposições e o número de espetadores de teatro que assistiremos à formação de uma qualquer consistência" (2006: 77). A "comunidade de espera" pressupõe uma vontade de abertura. Abertura ao tempo, desde logo, a um tempo lento que mais não é do que um espaço de sentidos e de desejo de partilha desses sentidos.



O teatro não é um filme que se leva para casa, não é um quadro que se vê num museu, não é um livro que se lê na solidão da poltrona. O teatro é um desejo comum.

Nestas itinerâncias polifónicas, há ainda lugar para os espetáculos comunitários, onde participam grupos de teatro amador e associações locais, como é o caso da Queima do Judas, dos cinco acontecimentos artísticos que assinalaram a comemoração dos 750 anos do concelho de Monção, ou do muito improvável – mas que, contrariando todas as improbabilidades, conta já com uma segunda edição – FITAVALE (Festival Itinerante de Teatro Amador do Vale do Minho).

São assim as Comédias do Minho: são tudo isto e muito mais, conscientes de que na cidade ou na "discreta vila, perdida no meio da serra, já só pedras e quase a tocar no céu"<sup>4</sup>, o teatro é não só possível como também necessário.

## Referências bibliográficas

- BAILLY, Jean-Christoph (2006), "Un jour mon prince viendra", in STIEGLER/ BAILLY/ GUÉNOUN, *Le théâtre, le peuple, la passion*, Besançon, Les Solitaires Intempestifs.
- GUÉNOUN, Denis (2009), "Que faire du théâtre, Que faire au théâtre", *Livraison et délivrance*, Paris, Belin.
- VITEZ, Antoine (2006), "La Réssurrection", *Antoine Vitez, Actes Sud-Papiers / Conservatoire d'Art Dramatique, Mettre en Scène*.

&lt;

*Inverno*,  
enc. Nuno Cardoso,  
Comédias do Minho  
e Ao Cabo Teatro, 2011  
(Mónica Tavares,  
Tânia Almeida,  
Luís Filipe Silva  
e João Melo),  
fot. Celeste Domingues.

&lt;

*O fidalgo aprendiz*,  
de D. Francisco Manuel  
de Mello,  
enc. João Pedro Vaz,  
TNDMII e Comédias do  
Minho, 2011  
(Carlos Malvarez),  
fot. Alípio Padilha.

&gt;

*Casa grande*  
(Vila Nova de Ceveira),  
enc. Tânia Almeida,  
Comédias do Minho,  
2011 (Rui Mendonça),  
fot. Celeste Domingues.

<sup>3</sup> Isabel Alves Costa *apud* Inês Nadais in "Estes actores foram trabalhar para o campo", *Público*, 03.04.2009.

<sup>4</sup> Tiago Bartolomeu Costa, "De pés na terra e teatro como céu", *Público*, 24.01.2012.